



# O SOM E A FÚRIA: A QUESTÃO DA PRONÚNCIA APRESENTADA EM DICIONÁRIOS PARA APRENDIZES DO INGLÊS PARA FALANTES DO PORTUGUÊS

## THE SOUND AND THE FURY: THE QUESTION OF THE PRONUNCIATION PRESENTED IN ENGLISH LEARNER'S DICTIONARIES FOR PORTUGUESE SPEAKERS

Paulo Roberto de Souza RAMOS<sup>1</sup>

**Resumo:** o presente artigo busca investigar o tipo de espaço reservado a questões de pronúncia em dicionários semi-bilíngues de inglês/português voltados para falantes do português, o que as escolhas feitas por seus compiladores demonstram sobre o conhecimento efetivo dos mesmos sobre aspectos fônicos e se o suporte ofertado é desenhado realmente para falantes de português brasileiro como L1. Para tanto, serão examinadas as informações contidas nas *front matters* e na microestrutura de dois dicionários semi-bilíngues: o *Longman English Dictionary for Portuguese Speakers* (LEDPS, 1982) e o *Chambers Essential Password – English/Portuguese semi-bilingual dictionary for elementary learners* (CEP, 2015). A análise apontou que, além de certas inconsistências e imprecisões na apresentação das pronúncias do idioma alvo, os dicionários não oferecem subsídios específicos para consulentes

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: pauloroberto.souza-ramos@gmail.com.





brasileiros aprendizes do inglês como L2 como prometem. Espera-se que os apontamentos feitos aqui sirvam de auxílio para aprimoramento das obras lexicográficas existentes no que tange à pronúncia, bem como para conscientização na necessidade de elaboração de novas obras efetivamente voltadas a falantes do português.

**Palavras-chave:** Lexicografia; pronúncia; inglês; falantes do português.

**Abstract:** This work aims at investigating what kind of space is dedicated to pronunciation matters in semi-bilingual English/Portuguese dictionaries for Portuguese speakers, what the choices made by their editors and authors show about their effective knowledge of phonic aspects, and whether they are really designed to offer support speakers of Brazilian Portuguese learning English. In order to do that, this study will check the information in the front matters and in the microstructure of two semi-bilingual dictionaries: Longman English Dictionary for Portuguese Speakers (LEDPS, 1982) and Chambers Essential Password - English/Portuguese semi-bilingual dictionary for elementary learners (CEP, 2015). The analysis has shown that, besides certain inconsistencies and lack of precision in the presentation of pronunciations of the target language, the dictionaries do not offer any specific support for those users who are L1 Portuguese speakers and L2 English learners. It is hoped that an informed critique such as the one presented here will somehow help improve the existing lexicographic works in regard to pronunciation, as well as in raising awareness in regards the need to make new works really aimed at and designed for speakers of Portuguese.

**“Key-words”:** Lexicography; pronunciation; English; Portuguese speakers.

## Introdução

O presente artigo busca investigar o tipo de espaço reservado a questões de pronúncia em dicionários semi-bilíngues<sup>2</sup> de inglês/português voltados para falantes do português, o que as escolhas feitas por seus compiladores deixam transpare-

---

2 Os dicionários podem ser agrupados em três tipos básicos: monolíngues, bilíngues e semi-bilíngues (ou bilíngualizados). Para mais informações sobre essa tipologia, bem como a eficácia de cada tipo e seu público-alvo, ver Laufer e Melamed (1994).



cer sobre o conhecimento efetivo dos mesmos sobre aspectos fônicos e se o suporte que é ofertado está, de fato, direcionado a falantes de português como L1. Para tanto, serão examinadas as informações contidas nas *front matters* e na microestrutura desses dicionários. Parte-se do pressuposto de que nem sempre a simples listagem de uma ou mais pronúncias atenderá a demanda do consulente aprendiz do inglês. Às vezes, não é só importante, mas necessário introduzir uma regra de realização fonético-fonológica para que esse aprendiz tenha condições de, efetivamente, apreender a pronúncia de certas palavras do idioma.

Primeiramente, será feito um resgate sobre a clássica distinção entre o fonético e o fonológico, a qual aparece pressuposta e, não raro, de maneira equivocada em dicionários. Após essa parte, partirei para uma apresentação de dois termos apresentados por Sobkowiak (2002), quando apresenta a distinção entre duas subáreas vinculadas à Lexicografia – a Fonética Lexicográfica e a Lexicografia Fonética: o nomológico e o idiográfico. Em seguida, partirei para exame das informações relativas à pronúncia contidas nas *front matters* dos dicionários escolhidos para a análise: o *Longman English Dictionary for Portuguese Speakers* (LEDPS, 1982) e o *Chambers Essential Password – English/Portuguese semi-bilingual dictionary for elementary learners* (CEP, 2015) e de como a pronúncia das palavras é apresentada na microestrutura dessas obras.

Para começar, comecemos com uma pequena explicação sobre a referência macbethiana no título deste trabalho, *i.e.*, o som e a fúria. Especialistas em fonética/fonologia podem achar incorreções e incongruências na representação da pronúncia oferecida como padrão para os verbetes em dicionários. Esses deslizes, por assim dizer, vão desde a inclusão de apenas uma só pronúncia guia, quando há outras formas padrões possíveis, como no caso de <Asia>, cujo segmento fricativo pode ser realizado em [z] ou [ʒ], até a utilização de um único exemplo de atribuição de acento primário para palavras que apresentam variação, como em *INteresting* e *inte'RESting*. MiPe (2016) define *fúria* como palavra de origem latina que significa: “1. Acesso de furor, agitação violenta, descontrolada; cólera, exasperação, furor. 2. Sensação de êxtase; delírio, ímpeto, inspiração. 3. Pessoa furiosa, fora de si.” Muitas das emoções listadas acima acometem aqueles linguistas entre nós que dedicam sua atenção ao universo dos sons ao constatar a forma como compiladores e/ou autores de dicionários, em sua grande maioria, tratam a questão da pronúncia. É motivo de ira, por assim dizer, certas tentativas de simplificação ou de generalização da pronúncia de palavras lematizadas. Se, por um lado, é realisticamente inviável apresentar todas as pronúncias possíveis, não parece ser adequado apresentar uma pronúncia como paradigmática pressupondo que o consulente irá chegar à regra por indução espontânea a partir dos exemplos listados. Igualmente problemático é oferecer



uma generalização sobre como se deve pronunciar uma dada palavra sem alertar quem consulta o dicionário em algum momento para o fato de que há variantes diatópicas (ou diafásicas ou diastráticas e assim por diante) que são possíveis na língua alvo, mas que não estão em conformidade com a forma representada foneticamente na obra de referência.

Por outro lado, incluir todas as realizações possíveis atestadas na língua nos moldes de uma obra de cartografia linguística tipo um atlas incorreria no oferecimento de muito mais informação do que um consulente aprendiz buscaria e/ou poderia processar para fins de aprendizado de formas padrão, caso fosse essa a sua intenção com a consulta. Um meio termo se faz necessário. O que parece possível de se fazer é alertar os consulentes para a existência de variação e disponibilizar explicações sobre processos fonéticos/fonológicos mais comuns da língua materna do aprendiz e da língua-alvo a fim de que a informação dada tenha um caráter mais didático e não meramente prescritivo.

Nas duas obras examinadas neste estudo, os idiomas envolvidos são o português, que é a língua materna dos consulentes, e o inglês, que é a língua alvo. Uma abordagem contrastiva das duas línguas em questão no que se refere aos seus sistemas fonológicos e inventários fonéticos é um caminho a se seguir como forma de nortear a tarefa lexicográfica e oferecer informação e auxílio às pessoas que buscam suporte de pronúncia. Esse viés pode também servir de apoio na apresentação de informações complementares aos aprendizes-consulentes que almejem ir além de dúvidas pontuais sobre o modo de pronunciar um item lexical em sua forma ou formas padrão. Além das informações contidas na lista de verbetes que compõe a macroestrutura, uma obra dicionarística poderia atender melhor às necessidades de quem a usa se trouxesse, por exemplo, na sua *outside matter*<sup>3</sup> conteúdo que expandisse ou complementasse o que é apresentado na sua microestrutura, isto é, no verbe e nas informações sobre ele.

## O Fonético X o Fonológico

---

3 Yong e Peng (2007: 84) explicam que quase todos os dicionários podem ser descritos como contendo quatro níveis distintos, tendo como cerne o que chamam de texto do dicionário, i.e., a listagem de palavras ou *lemata*: Aquilo que está antes da listagem de palavras, o que está inserido dentro dessa listagem, mas não é parte dela e o que está depois da listagem de palavras. Na literatura, o termo usado para o que vem antes da listagem de palavras é a *front matter*; já o que vem depois, é a *back matter*. Esses dois, juntamente com a *middle matter*, que como o nome indica é a parte textual exterior a *lemata* localizada no meio do dicionário, podem ser agrupados sob o termo geral de *outside matter (structure)*.



A distinção entre o que é fonético e o que é fonológico é uma questão básica para quem trabalha com pronúncia. Se essa distinção é de conhecimento dos compiladores de dicionários, não parece ser demonstrada nas escolhas feitas por eles em suas tabelas ou nas representações da pronúncia de palavras lematizadas na microestrutura. Cristóforo Silva (2001: 23) define Fonética como “a ciência que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente, aqueles utilizados na linguagem humana”. Já Cagliari (2002: 17) acrescenta que Fonética “preocupa-se, principalmente, com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala”. O mesmo autor diz que a Fonologia, ao seu turno, “faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los”. (*ibidem*: 18) Complementarmente, Matzenauer (2001) acrescenta que o objeto de estudo da Fonologia é a forma sistemática como cada língua organiza os sons da fala, enquanto que a Fonética faz o estudo da realidade física dos sons produzidos pelos falantes. Por ser categórica, a primeira se ocupa em estudar apenas aqueles aspectos sonoros que são distintivos no sistema dessa língua; já a segunda, se ocupa com questões de gradiência relativas a esses sons. Essa distinção entre as duas áreas é marcada pela utilização de barras inclinadas pelo Fonologia e de colchetes pela Fonética.<sup>4</sup> Delahunty e Garvey (2010: 89, tradução nossa) explicam essa diferença de representação das duas e introduzem também uma terceira dimensão representativa - a grafêmica:

Quando queremos indicar que letras devem ser interpretadas como símbolos fonéticos, nós as colocamos dentro de colchetes, [ ], e quando queremos indicar que letras devem ser interpretadas como letras de um sistema comum de escrita, nós as colocamos entre colchetes angulares, < >”.<sup>5</sup>

Já as unidades abstratas com as quais lida a Fonologia, i.e., os fonemas, devem ser colocadas entre barras inclinadas, / /, (e.g., /s/ e /z/) para distingui-las dos sons concretos ([s] e [z]) e de letras comuns (<s> e <z>). (p.108)

Na prática lexicográfica, a utilização de barras ou colchetes para representação da pronúncia é algo que deve ser orientado pelo guia de estilo (*Style guide*)

---

4 O manual da *Associação Internacional de Fonética* usa barras inclinadas e colchetes para distinguir dois tipos de transcrições possíveis de serem feitas com seu alfabeto fonético: uma transcrição ampla (*broad transcription*) e uma transcrição estrita (*narrow transcription*). A primeira envolveria transcrição de sons sem maiores detalhamentos de sua produção; as barras inclinadas também são usadas nas transcrições fonêmicas/fonológicas. Uma transcrição estrita, por outro lado, deve incorporar os detalhamentos sobre a realização daquele fonema no universo físico, ou seja, preocupa-se com uma representação acurada das chamadas variantes alofônicas. (IPA, 1999: 28-9)

5 [When we want to indicate that letters are to be interpreted as phonetic symbols, we enclose them in square brackets, [ ], and when we want to indicate that letters are to be interpreted as letters from an ordinary spelling system, we enclose them in angled brackets, < >.]



usado pela editora e sua equipe de compiladores. No entanto, essa informação não explicaria completamente a oscilação de uso entre uma forma e outra encontrada nos dicionários que foram foco do presente estudo. Se a utilização de [ ] ou / / para representar a pronúncia é uma decisão que vem de cima, seria de se esperar que houvesse consistência no seu emprego. Como isso não ocorre nas obras aqui discutidas, podemos levantar duas hipóteses para isso: 1. As escolhas são idiossincráticas e o responsável pela parte de pronúncia parece não considerar relevante usar a convenção para a indicação de pronúncias. 2. Faltou revisão por parte dos editores para fins de padronização, segundo um guia de estilo.<sup>6</sup>

## Fonética lexicográfica e Lexicografia fonética

Nesta seção falaremos de conceitos empregados por Sobkowiak (2002: 2) para falar da relação entre Fonética e Lexicografia: o de Fonética lexicográfica e o de Lexicografia fonética. Os dois termos, embora tenham sido introduzidos há mais de uma década, ainda não figuram ou são de uso comum na literatura. Uma possível explicação para esse fato é que questões fônicas ainda são consideradas ‘menores’ quando comparadas a outros aspectos envolvidos da feitura de dicionários, tais como a significação e a fraseologia. Sobkowiak nos explica que a Fonética Lexicográfica é

a Fonética aplicada ao processo de elaboração de dicionários. Mesmo não sendo rotulada como tal, esta se preocupa com questões tais como a escolha do sotaque e a transcrição a ser usada na representação deste em dicionários, os limites da variação dialetal, fonoestilística e idiossincrática da pronúncia representada, a apresentação de formas tônicas e átonas, etc.<sup>7</sup>

Para o mesmo autor, lexicografia fonética diz respeito àquilo

que os criadores de dicionários e críticos fazem quando ponderam acerca da representação de sons a partir de uma perspectiva lexicográfica. Questões relevantes incluem: aspectos de consistência, lugar e papel da pronúncia na

---

6 O *University of Oxford Style Guide* explica que o guia “tem por objetivo oferecer um manual para escrita e formatação de documentos elaborados por equipes representando a Universidade (ou um de seus departamentos, etc.). É parte do kit de marcas ([www.ox.ac.uk/branding\\_toolkit](http://www.ox.ac.uk/branding_toolkit)), que permite que a documentação formal da Universidade seja apresentada de maneira consistente em todas as instâncias de comunicação”.

7 [Lexicographic phonetics is phonetics applied to the process of dictionary-making. While it has not been labeled as such, it has traditionally been concerned with issues such as: the choice of accent and transcription to represent in dictionaries, the extent of dialectal, phonostylistic and idiosyncratic variation of pronunciation covered, the representation of stress and weak forms, etc.]



microestrutura de um dicionário, tratamento da pronúncia em dicionários de aprendizes, gravação de sons, playback e síntese em dicionários multimídia eletrônicos e outros.<sup>8</sup>

Ele acrescenta que, em última instância, os objetivos das duas áreas não podem ser claramente delimitados; tanto uma área quanto a outra cobre, dentro de sua perspectiva, o pouco explorado terreno da representação fônica em dicionários. Mais adiante, o autor aprofunda a distinção entre as duas subáreas ao dizer que a Fonética Lexicográfica é nomasiológica, enquanto que a Lexicografia Fonética é idiográfica. Dito de outra maneira, a primeira se baseia em regras e enquanto que a segunda busca fazer uma listagem de variantes nos verbetes apresentados:

Dicionários são fontes linguísticas as quais são raramente percebidas ou categorizadas como sendo baseadas em regras ou fomentadoras de regras. Com certeza, eles são apresentações ordenadas de material linguístico, porém, os conteúdos dos dicionários são popularmente vistos como uma simples listagem de itens sem uma estruturação linguística especial além do ordenamento alfabético [...]. No entanto, as regras estão inevitavelmente lá e os aprendizes estão fadados a assimilá-las por indução espontânea na proporção direta em que usam o dicionário”.<sup>9</sup> (SOBKOWIAK, 1997: 95,96 *apud.* SOBKOWIAK, 2002: 8)

O que se quer dizer com isso é as regras da língua podem ser depreendidas a partir do material compilado de maneira indireta, pois os dicionários, em geral, não se propõem a explicitá-las para seus consulentes sequer na *outside matter*. Vamos usar o caso de um consulente que busque resolver uma dúvida de pronúncia. Pressupondo que este procure um dicionário por uma resposta clara de como se pronuncia uma dada palavra, a informação que receberá será baseada em uma representação fonética ampla, que não deixa de ser uma prescrição de uma forma concreta considerada como padrão. Questões da fonologia da língua, que fazem com que sons diferentes tais como os alofones [a] e [æ] na realização padrão britânica e americana de uma palavra como <grass> sejam mu-

---

8 [What dictionary makers and critics do when they ponder sound representation from the lexicographic perspective. Issues of relevance include: the questions of consistency, the place and role of pronunciation in the microstructure of the dictionary, the treatment of pronunciation in learners' dictionaries, sound recording, playback and synthesis in electronic multimedia dictionaries, and others.]

9 [Dictionaries are such language resources which are seldom perceived or categorized as rule-based or rule-fostering. To be sure, they are orderly presentations of language material (...) but dictionary contents are popularly regarded as little more than a listing of items with no overall linguistic structure beyond alphabetic ordering (...) But the rules are inevitably there, and the learner is bound to assimilate them inductively in direct proportion to his/her use of the dictionary.]



tuamente compreensíveis para falantes de cada variedade não fazem parte das informações ofertadas. A informação apresentada nos verbetes se limita a apresentar representações de sons no(s) dialeto(s) padrão(es) descritos, mas o que Sobkowiak nos leva a pensar é que talvez fosse conveniente auxiliar os consulentes com a explicitação das regras subjacentes à realização fonética. A fim de que o aprendiz pudesse fazer um uso receptivo e produtivo mais eficaz da informação fônica oferecida. Em favor de uma economia de espaço e objetividade, talvez tais informações não sejam inseridas na microestrutura, mas nela poderia haver referência a conteúdo disponível, digamos, na *back matter*, que discorreria sobre aspectos fonéticos e fonológicos produtivos no PB e que, por ventura, podem vir a ser transferidos por aprendizes brasileiros para o inglês, como é o caso da vocalização da lateral em posição de coda silábica no PB em palavras como <mal> →ma[w] (BATTISTI; MORAS, 2016), os quais podem interferir na inteligibilidade e compreensibilidade de palavras inglesas com esse segmento em caso de transferência negativa. Uma palavra como <hell> pode ser pronunciada por um falante do português como [hɛw], muito próxima de <réu> em português. O fato de vocalizar a lateral também pode ter impacto na percepção desse som quando pronunciado por falantes que o realizam como uma líquida.

## Análise dos dicionários

Dos dois dicionários analisados neste estudo, o mais antigo é o LEDPS, cuja primeira edição data de 1982 e só conta, desde então, com reimpressões sucessivas. É por ele os apontamentos serão iniciados. O LEDPS (1982) é apresentado como sendo destinado a falantes do português do Brasil, Portugal, Angola e Moçambique interessados em aprender inglês (p.xi). Como inovação, nas palavras de sua compiladora, a obra traz o fato de ser “ao mesmo tempo um dicionário monolíngue e bilíngue [sic]”. (p.xi) Isso o consulente constataria ao verificar que cada verbete tem a definição apresentada em inglês e o equivalente do vocábulo em português ao final. Sua *front matter* tem apenas cinco páginas e traz principalmente informações relativas a variação lexical entre Brasil e Portugal e entre Estados Unidos e Grã-Bretanha, mas também inclui no acerca do português algumas variantes lexicais africanas usadas em Angola e Moçambique. Ou seja, a variação coberta por essa seção não inclui referência ao fato que as variedades citadas têm formas distintas de pronúncia – isso está pressuposto. Além disso, não há nada no texto que explicita a pronúncia usada como modelo para as transcrições. A seção ‘Variantes Nacionais do Português’ (p. xi) trata exclusivamente sobre diferenças vocabulares entre os países lusófonos listados na obra e como a obra é voltada para quem já fala o português, a pronúncia deste



idioma também é pressuposta. Quanto ao inglês, depreendemos que a variante guia de pronúncia é a britânica, mas isso também é informação que se depreende a partir do que é apresentado e não de declaração textual contida no dicionário. Como entre os consultores está um Dr. Haskell Springer, para o Inglês Americano, infere-se que a compiladora creditada na capa do dicionário, Rosa W. Konder, ficou responsável pela variedade britânica. Na página XIV, encontra-se a única parte do dicionário voltada para o modo de pronunciar os itens lexicais da obra: uma tabela de pronúncia com símbolos fonéticos dispostos à esquerda, sem colchetes ou barras inclinadas, para consoantes e vogais, seguidas de vocábulos onde se pode encontrar os sons representados por aqueles símbolos. A opção de apresentar primeiro a variante britânica e depois a americana pode também ser outra indicação da opção de priorizar a primeira em relação a segunda<sup>10</sup>. A parte referente às consoantes do inglês não apresenta maiores problemas, pois a variação é relativamente baixa entre as formas padrão das duas variantes do inglês destacadas no dicionário. O mesmo, porém, não pode ser dito sobre as vogais. Antes da ilustração de palavras-chave contendo os sons vocálicos que os símbolos fonéticos da tabela representam, empregam-se as abreviações *AmE* (Inglês Americano) e *BrE* (Inglês Britânico), e.g. *AmE* **fa**rm. Coloca-se em negrito a letra na palavra em destaque onde o som representando por [a] é encontrado nessa variedade. Essa indicação funciona para uma palavra como <pot>, que pode ter, de fato, realizações fonéticas distintas para a variante britânica e americana representadas respectivamente pelos fones p[ɒ]t e p[a]t; no entanto, não parece haver explicação para o uso de *AmE* antes da palavra <bird> (p.xiv) ao representar o símbolo [ɜ], posto que a diferença entre a pronúncia padrão nas duas variedades não está precisamente na vogal, mas no fato de a variante dita americana ser rótica<sup>11</sup> e a britânica não ser; isso, porém, não aparece na transcrição. Também há imprecisão na proposta de representar as pronúncias britânicas e americanas, como é o caso dos verbetes <fragile> e <missile>, que deveriam rimar em cada uma das duas variedades, mas, segundo as informações do LEDPS (1982), <missile> só rimaria com a pronúncia britânica de <fragile>, pois ambas trariam o ditongo [aɪ]. O fato de <missile> também ser pronunciado majoritariamente em sua forma monotongada, i.e. [ɪ] ou [ə], na variedade padrão americana ficou de fora da transcrição fonética da palavra lematizada. Abaixo, exemplos dos verbetes mencionados acima, como apresentadas no dicionário.

---

10 Essa informação pode ser obtida não só na tabela de pronúncia e na microestrutura, mas também explicitamente na sessão 'special signs' (p. xiv), onde se explica que o sinal '||' separa pronúncias britânicas das americanas, sendo que as primeiras são colocadas à esquerda.

11 A roticidade diz respeito à pronúncia ou não do <r> pós-vocálico. É uma das formas de distinguir entre os dialetos da Escócia, Irlanda e de grande parte dos Estados Unidos e Canadá, que são róticos, e os de grande parte da Inglaterra e Austrália, que são o não. Cf. Wells (1982) para maiores detalhes.

Fragile /'frædʒaɪl||-dʒəl/ *adj* easily broken: *Most glass is fragile.* [frágil]

(LEDPS, 1982, s. v. fragile)

Missile /'mɪsaɪl/ *n.* That is thrown (or is fired from a gun, etc.) in order to hurt or damage or kill: *Stones and arrows are simple missiles.* [míssil; projétil/projétil||-jéctil]

Fonte: LEDPS, 1982, s. v. missile

Como o único aspecto apresentado pelo LEDPS (1982) na sua *front matter* é a chamada tabela de pronúncia e nessa tabela há somente uma listagem bastante generalizadora, embora por vezes equivocada, constata-se que não há nesse dicionário nenhuma tentativa de aludir a regras fonológicas produtivas<sup>12</sup> e que poderiam auxiliar os consulentes aprendizes do inglês a internalizar mais efetivamente certos aspectos da pronúncia sobre a qual buscam se informar. Da mesma forma, apesar de o dicionário ser voltado a falantes do português, em nenhuma passagem da sua *front matter*, chama-se a atenção para aspectos do sistema fonológico do português que podem ser transferidos negativamente para a língua alvo, como, por exemplo, a convergência dos sons representados pelas letras <n> e <m> em posição de coda silábica em palavras como <Anaís NiN> e <miM> para uma nasal palatal /ɲ/. A obra limita-se a aspectos semânticos sobre os itens lexicais lematizados, as possíveis variações diatópicas dos verbetes e oferta de um equivalente em português após a paráfrase explanatória<sup>13</sup> para confirmar a compreensão da definição apresentada em inglês. Isso não foge do esperado de um dicionário de aprendizes; no entanto, a *front matter* poderia ofertar maior um respaldo fônico para que o consulente pudesse lidar com a questão da pronúncia posto que dúvidas sobre esse aspecto também fazem parte do que alguém aprendendo idioma pode querer sanar. A ideia não é competir com ou fazer vezes de um manual de pronúncia, mas, dentro daquilo que pode ser incluído no espaço reservado à pronúncia, explicitar pontualmente o funcionamento de certos processos de transferência do português para o inglês, como o caso da inserção da vogal epentética em <like> →[‘laiki] ou vocalização do <l> em final de sílaba -- <goal> →[gow].

Já o CEP (2015), em flagrante contraste com o LEDPS (1982), apresenta uma extensa *front matter* com 40 páginas. Inclui seções com títulos tais como ‘inglês bri-

12 Sobre regras produtivas em fonologia, Wells (1982) diz sucintamente que são aquelas que são aplicadas a novo material [fônico] para produzir novas formas fonéticas (p.59).

13 Sobre paráfrase explanatória, cf. Bogueño Miranda (2009).

tânico e inglês americano' (p.12), 'como usar este dicionário' (p.8-9), 'gramática no dicionário' (p.11), 'collocations' (p.14), bem como uma longa passagem intitulada 'páginas de estudo' (p.17-47), que traz tabelas com formas verbais, palavras homófonas, etc., e também exercícios de fixação com respostas ao final. O CEP (2015) em seu prefácio afirma que o consulente "encontrará observações que o ajudarão a evitar 'erros comuns'" (p.7). Os tais erros comuns se restringem a questões sintáticas, semânticas e ortográficas, ou seja, não são se estendem àqueles erros incorridos por falantes do português que são de base fonética e/ou fonológica. Assim como o LEDPS (1982), o CEP (2015) também apresenta uma tabela de pronúncia, que recebe lugar de destaque já na primeira página após a folha de rosto (p.2). Nessa tabela, os símbolos para as consoantes e vogais são dispostos à esquerda e entre colchetes, seguidos de palavras com transcrição fonética: [j] yet [jet]. Essas transcrições indicam a variedade priorizada por seus compiladores para usar na pronúncia das palavras: a britânica. Essa escolha é explicitada textualmente na seção 'Inglês britânico e inglês americano' (p.12), em que se lê que o dicionário em questão "é escrito em inglês britânico". Por outro lado, o CEP (2015) inova, em uma certa medida, por usar um britânico mais inclusivo. Por inclusivo, entenda-se que ao invés de propor pronúncias associadas à RP (*Received Pronunciation*) ou ao chamado inglês da BBC - que são não róticas -, ele transcreve foneticamente as palavras marcando a possibilidade de se pronunciar ou não o <r> pós-vocálico em palavras como 'far' [fa:(r)]. Tal caráter mais inclusivo no CEP (2015) se deve possivelmente ao fato de a sede da editora *Chambers Harrap* ser na Escócia, país cuja variedade de inglês, assim como aquela usada pela maioria dos falantes anglófonos dos Estados Unidos, é rótica. Sinalizar para a existência de variação, mesmo optando por oferecer uma seleção de pronúncias, é instrutivo para o consulente e demonstra que os compiladores estão cientes de fatos linguísticos relativos a realidade das línguas com as quais estão trabalhando. Na seção 'como usar este dicionário' encontramos a seguinte orientação sobre a pronúncia nele contida: "cada verbete apresenta a pronúncia com base no Alfabeto Fonético Internacional. Você pode encontrar a explicação dos símbolos na página 2 do dicionário" (p.8). Ao se falar em 'pronúncia' pensa-se em uma realização mais concreta com transcrições fonéticas; apesar de ser exatamente isso o que a tabela a qual a observação se refere faz, na microestrutura do dicionário são utilizadas barras inclinadas ao invés de colchetes. Como se viu anteriormente, usa-se colchetes para variações alofônicas e transcrições fonéticas escritas e barras inclinadas para representações fonológicas e transcrições amplas. Não há explicação em parte alguma da *front matter* do CEP (2015) sobre essa falta de consistência na utilização de colchetes e barras inclinadas, mas pode-se aventar que isso se deva ao fato de seus compiladores não julgarem ser relevante uma distinção que seria comum em trabalhos das áreas de Fonética e Fonologia. Outra possibilidade, é uma falta de padronização na forma de indicar a pronúncia dos verbetes, geralmente orientada pelo guia de estilo usado pela equipe que trabalhou no dicionário.



Ainda sobre pronúncia, a *front matter* do CEP (2015) destaca que, tal como em português, há palavras em inglês que são homófonas, mas não homógrafas: “Algumas palavras têm a mesma pronúncia, mas são escritas com grafias diferentes”. (p.30) Entretanto, parece incorrer numa incongruência ao afirmar que o consulente, que é um aprendiz de nível elementar, “precisa ter certeza da grafia da palavra antes de procurá-la no dicionário”. Aprendizes de nível básico certamente terão dúvidas não só quanto à pronúncia, mas também quanto à grafia, particularmente, em uma língua como o inglês, com tantas possibilidades de representar na escrita um mesmo som. Um exemplo comum é o fonema /f/, que pode ser encontrado tanto no início de <fit> quando no final de <enough><sup>14</sup>, ou seja, pode ser grafado ora com <f>, ora com <gh>.

Por fim, as chamadas ‘páginas de estudos’ do CEP (2015) oferecem uma seção exclusivamente voltada a pronúncia, que vai da página 36 à 38, e que chama a atenção dos aprendizes para o abismo que pode haver entre a escrita de uma palavra e sua pronúncia. Essa parte, da mesma forma que outras na seção, inclui exercícios de fixação dos pontos apresentados. Entre as explicações e exercícios, há uma voltada para palavras com a mesma rima, *i.e.*, com uma unidade constituída por núcleo e coda silábica (DELAHUNTY; GARVEY, 2010: 106)<sup>15</sup> em comum, mas cuja grafia é diferente. O título dessa parte é ‘diferentes grafias, mesma pronúncia’. (p.37) Como exemplos, são oferecidos os pares *bird/word* e *blue/through*. Também encontramos destaque para outra característica da pronúncia de certas palavras inglesas: as chamadas letras mudas. Os exemplos citados são o <t> em <listen> e o <b> em <comb>. Já em outra seção, intitulada ‘mudanças da sílaba tônica’ (p.38), a qual ensaia a introdução de uma regra fonológica, chama-se a atenção para o fato de que em inglês a atribuição de acento pode mudar a categoria gramatical de certas palavras. É o caso de <desert>, palavra de duas sílabas, que quando recebe acento tônico na primeira delas é um substantivo, mas se o acento recair na segunda sílaba passa a ser um verbo. Há entre as explicações uma cujo título não corresponde ao que encontramos na parte descrita, nem aos exercícios de fixação nela oferecidos. O título é ‘fonema diferentes [sic], mesma pronúncia’. A explicação contida nela é a seguinte: “as palavras seguintes têm exatamente a mesma *grafia*, mas são *pronunciadas* de forma diferente quando indicam sentidos diferentes”. (p. 36) (Grifos meus). Ora, se são pronunciadas de maneira diferente, não há como dizer no título que se trata da ‘mesma pronúncia’. Uma análise do enunciado já apontaria a existência de um equívoco, posto que se os fonemas são diferentes, com a aplicação do teste dos pares mínimos, não haveria como ter a mesma pronúncia. O fonema /b/ é diferente do fonema /g/, por isso temos a distinção entre <bet> e <get>. O que poderia ser dito, no entanto, é que pronúncias diferentes podem

---

14 No caso de palavras como <enough> seria mais didático um alerta para a tendência de os aprendizes falantes do português pronunciarem o som da letra <g> como /g/ em <gato>, por influência da relação grafema/fonema em português.

15 [The nucleus and the coda together make up a unit called the rhyme (R).]



advir de um mesmo fonema, como aponta a questão da alofonia em palavras como <little>, cujo /t/ pode ser realizado como uma oclusiva alveolar [t] ou como um tepe [ɾ]. O equívoco do título e o conteúdo da passagem diferem tanto que não é possível atribuir o *faux pas* simplesmente a um deslize de tradução.<sup>16</sup> Um novo título que contemplasse o que é efetivamente tratado nessa parte da seção deveria introduzido, por exemplo: ‘pronúncias diferentes, mesma grafia’, uma vez que é isso que encontramos nas amostras dos exercícios, onde uma palavra como <lead> pode ter as seguintes pronúncias: /li:d/ ou /led/.

Na tabela de pronúncia, as transcrições das palavras usadas para ilustrar os símbolos fonéticos empregados no dicionário estão entre colchetes; no entanto, em sua microestrutura, o CEP (2015), assim como o LEDPS (1982), usa barras inclinadas para representar a pronúncia dos itens lematizados, o que, mais uma vez, pode denotar desconhecimento da forma de representar transcrições ou falta de padronização da equipe de compiladores, já que não se explica a razão para dessa oscilação. Para ilustração: a palavra <far>, que foi usada na referida tabela para exemplificar a ocorrência do som vocálico [ɑ:] e apresentada entre colchetes, é transcrita na microestrutura entre barras inclinadas.

Por falar em microestrutura, para apresentar a do CEP (2015), serão usadas as mesmas entradas selecionadas no LEDPS (1982). Como o CEP (2015) esclarece que irá usar apenas a variedade britânica, o fato de não trazer alternativamente a pronúncia americana já era esperado.

Fragile /'frædzail/ ADJECTIVE not very strong and can easily be broken, damaged or destroyed # *The bones become fragile and more likely to break.* # *a fragile peace* [frágil]

Fonte: CEP, 2015, s.v. *fragile*

Missile /'mɪsaɪl/ NOUN [plural missiles]  
1 a weapon that travels long distances and explodes when it hits something \* long-range missiles [míssil]  
2 an object that someone throws to hit someone or something \* Police were hit by bottles, stones and other missiles. [projétil]

Fonte: CEP, 2015, s.v. *missile*

<sup>16</sup> Na página 3 do CEP (2015), temos a informação de que a edição brasileira publicada pela Martins Fontes se trata de uma tradução.



## Análise dos dicionários

No que tange à pronúncia, nem o LEDPS (1982), nem o CEP (2015) oferecem subsídios específicos para aprendizes brasileiros de inglês como L2 como seria esperado de dicionários que supostamente elaborados para esse público-alvo. O primeiro carrega a promessa de dar conta de aspectos específicos dos falantes do português já no seu título, mas oferece apenas respaldo em nível de variação lexical entre os países lusófonos citados na sua introdução para a escolha dos equivalentes utilizados na microestrutura. Além de apresentar limitações de possibilidades nas escolhas das realizações fonéticas das palavras lematizadas, como apontado anteriormente, em momento algum, no escasso espaço dedicado à pronúncia, trata, por exemplo, de forma contrastiva, sobre possíveis dificuldades articulatórias que falantes do PB geralmente apresentam na produção de fala ou na percepção dos sons da língua inglesa. Embora isso não seja uma exigência lexicográfica, poderia enriquecer o dicionário, já que ele se destina a aprendizes do inglês que são falantes do português como L1. A referência no título do dicionário a ‘Portuguese speakers’ parece se justificar apenas pelo fato de a obra trazer os equivalentes em português após as paráfrases explanatórias e exemplos de uso. O CEP (2015), ao seu turno, embora dedique bem mais espaço a aspectos relativos a como pronunciar os sons do inglês, incorre na mesma limitação do LEDPS (1982) ao não oferecer na sua abordagem de questões fonéticas nada especificamente voltado a consulentes nativos do PB que ensejam aprender inglês. Não há na *front matter* uma linha sequer que chame a atenção dos aprendizes para o que a literatura de aprendizado de L2<sup>17</sup> diz sobre transferências mais comuns por parte de falantes do português ou sobre dificuldades de produção e percepção causadas pelas diferenças sistêmicas entre as duas línguas. Ambos os dicionários se restringem a listar - e de forma limitada - as possíveis pronúncias dos verbetes e não mencionam nas suas *front matters*, como seria pedagogicamente recomendável, a existência de variação em curso na realização de várias palavras do inglês, como por exemplo <triangle>, que aparece nos dois dicionários recebendo o acento tônico apenas na primeira sílaba. Noma-siologicamente, ou seja, naquilo que diz respeito a regras que subjazem à pronúncia por parte dos falantes, a *front matter* poderia trazer um guia de pronúncia que fosse mais *user-friendly* e que destacasse, por exemplo, diferenças fonotáticas básicas entre o português e o inglês, tal como o fato de o primeiro aceitar um número restrito de consoantes em posição de coda para fechamento silábico<sup>18</sup>, em contraste com o segundo, que tem um repertório consonantal bem maior nessa posição. Ou ainda,

---

17 O termo L2 é usado aqui tanto para segunda língua (SL) quanto para língua estrangeira (LE). Entendemos aqui, assim como Ellis (1986) que as diferenças entre a primeira e a segunda são mais sociolinguísticas do que psicolinguísticas.

18 Para maior detalhamento sobre a constituição da sílaba no português brasileiro (CF. COLLISCHONN, 2001, 91-123 *apud* BISOL, 2001).





mostrar comparativamente as diferenças entre os repertórios fonêmicos do português e do inglês e suas possíveis implicações para o aprendizado de pronúncia de determinadas palavras. Assim sendo, nem um dos dois dicionários oferecem, de fato, subsídios para questões específicas sobre pronúncia consulentes aprendizes do inglês cuja L1 é o português.

## Considerações Finais

Em nome de anseio por auxiliar os consulentes, encontramos nos dicionários estudados generalizações ou imprecisões que, mais que simplificar as ofertas aos que utilizam essas obras, acabam por transmitir concepções por vezes equivocadas sobre um aspecto tão importante das línguas que é sua forma falada. Parece que, pelo fato de dicionários terem sido por séculos o universo da língua escrita, há como resultado uma secundarização de aspectos relativos à forma de pronunciar as palavras. Se há o argumento de que é inviável ou mesmo não desejável apresentar toda a gama de possibilidades de realizações atestadas para um dado verbete, as obras dicionarísticas voltadas a aprendizes parecem não ter um embasamento teórico que sustente suas opções por certas formas em detrimento de outras ou, se ele existe, não transparece na sua *outside matter*, a parte dos dicionários onde os compiladores poderiam, pelo menos, mencionar tais coisas. No caso das obras analisadas neste artigo, não há uma oferta mínima de apoio para falantes do PB que estão aprendendo o inglês como L2 no que tange dificuldades atestadas pela literatura de ensino de segunda língua, nem tão pouco isso é apresentado contrastivamente do ponto de produção e recepção. A fúria aludida no título por dos especialistas ao detectarem os problemas apontados neste estudo talvez seja equivalente à frustração dos consulentes que buscam informações nos dicionários. Ao procurarem saber sobre a pronúncia das palavras, não encontram subsídios para suas necessidades específicas enquanto falantes de português que aprendem inglês como L2. A pronúncia parece estar lá porque faz parte da tarefa lexicográfica incluir tal elemento em um dicionário bilíngue (ou semi-bilíngue, como os enfocados aqui), mas não parece servir a um propósito maior direcionado ao público-alvo das obras. Se para fins de concisão e objetividade, os compiladores não querem saturar a microestrutura dos dicionários com informações sobre os sistemas fonológicos ou as realidades fonéticas dos dois idiomas, talvez fosse o caso incluir algum tipo de subsídio nessa direção na *outside matter* dessas obras. No entanto, fúria, como explicado no início deste artigo, também pode ter conotações positivas. Que ela chame a atenção para os fatos apontados e que a crítica metalexográfica de base linguística ensejada aqui possa contribuir com a prática lexicográfica e resulte na elaboração de dicionários para aprendizes do inglês efetivamente voltados para o público ao qual se destinam.



## Dicionários citados

MiPe. **Michaelis** (On-line) – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=f%FAria>. Acesso em: 13 Set. 2017.

LEDPS. **Longman English Dictionary for Portuguese Speakers**. KONDER, R. Rio de Janeiro: Longman/Ao Livro Técnico, 1982.

CEP. **Chambers Essential Password** – English/Portuguese Semi-bilingual Dictionary for Elementar Learners (Tradução: Luciana Garcia). São Paulo: Martins Fontes, 2015.

## Referências

BATTISTI, E.; MORAS, V.T. A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real. In: **Gragoatá**, n. 40, pp. 90-112, 1. sem. Niterói: UFF, 2016. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/684/538>. Acesso em: 25 Ago. 2016.

BISOL, L. O Alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: Bisol, L.; COLLISCHONN, G. **Português do Sul do Brasil: Variação Fonológica**. pp. 63-78. Porto Alegre: EdiPucrs, 2010.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. In: **Alfa: revista de Linguística**. Marília. Vol. 53, n.1 (2009), p243-260. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130206/000718064.pdf?sequence=1> Acesso em: 12 Fev. 2017.

CAGLIARI, L. C. **Análise Fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

COLLISCHONN, G. A Sílabas em Português. In: Bisol, L. **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro** (3ª. Ed.). Porto Alegre: EdiPucrs, 2001.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

DELAHUNTY, G.; GARVEY, J. Phonetics and Phonology. In: **The English Language: From Sound to Sense**. (pdf). Colorado: The WAC Clearinghouse and

Parlor Press, 2010. Disponível em: <http://wac.colostate.edu/books/sound/sound.pdf>. Acesso em: 02 Fev. 2016.

ELLIS, R. **Understanding Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1986.

**Handbook of the International Phonetic Association - A Guide to the Use of the International Phonetic Alphabet**. Cambridge: CUP, 1999.

LAUFER, B.; MELAMED, L. Monolingual, Bilingual and 'Bilingualised' Dictionaries: Which are More Effective, for What and for Whom? In: **Eurolex 1994 Proceedings**, pp. 565-576. Disponível em: [http://www.euralex.org/elx\\_proceedings/Euralex1994/64\\_Euralex\\_Batia%20Lauf%20er%20and%20Linor%20Melamed%20-%20Monolingual,%20Bilingual%20and%20Bilingualised%20Dictionaries.pdf](http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex1994/64_Euralex_Batia%20Lauf%20er%20and%20Linor%20Melamed%20-%20Monolingual,%20Bilingual%20and%20Bilingualised%20Dictionaries.pdf) Acesso em: 10 Ago. 2016.

MATZENAUER, C. Introdução à Fonologia. In: Bisol, L. (Org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro** (3ª. ed.). Porto Alegre: EdiPucrs, 2001.

ROACH, P. **English Phonetics and Phonology: A Practical Course**. 4<sup>th</sup> ed. Cambridge: CUP, 2009.

SOBKOWIAK, W. Lexicographic phonetics or phonetic lexicography? (Comunicação). In: **11th International Symposium on Lexicography**. Copenhagen: Maio de 2002. Disponível em: <http://wa.amu.edu.pl/~swlodek/kopenhag.ppt>. Acesso em: 10 Dez. 2015.

**University of Oxford Style Guide**. Oxford: OUP, s.d. (p.1)

WELLS, J.C. **Accents of English 1 - An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

YONG, H.; PENG, J. **Bilingual Lexicography from a Communicative Perspective**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2007.